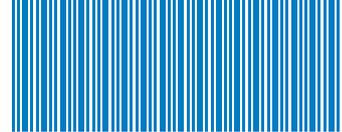


## Editorial

### Por uma escola da diversidade e da inclusão

Nesta terceira edição da revista *Veras*, publicada pelo Instituto Superior de Educação Vera Cruz, convidamos os leitores a refletirem sobre práticas e sentidos de uma educação mais inclusiva, que respeite as diferenças e encare a diversidade entre as pessoas não à luz do que a elas falta, mas do quanto seus modos específicos de interpretação e representação do mundo podem ampliar as perspectivas e saberes de seus grupos de pares, de suas turmas, dos educadores que com elas se relacionam e, em última instância, de toda a sociedade. Mais do que do respeito aos direitos de cada aluno, com ou sem deficiência, estarmos atentos e abertos para a perspectiva do outro fala da construção de uma sociedade mais democrática para todos.

Assim, os três primeiros artigos desta edição tratam de diferentes aspectos da educação inclusiva. Gláucia Affonso e Cláudia Lopes da Silva, em *Desenhos, linhas e entrelinhas*, com uma escrita sensível, compartilham inquietações e descobertas que fizeram parte do cotidiano de educadores e gestores de uma escola durante o processo educativo de Caio, um aluno com disfunções pertencentes ao espectro autista. Sueli Salles Fidalgo, por sua vez, no artigo *Formar professores de línguas para incluir em contextos de diversidade excludente*, parte de uma perspectiva histórica da educação brasileira para discutir a dicotomia exclusão/inclusão. O artigo aborda as dificuldades encontradas – e relatadas – por professores para garantir que a escola se constitua como um espaço inclusivo e acolhedor às necessidades especiais de aprendizagem. Por fim, ainda com foco na educação inclusiva, Cristina Maria Coin de Carvalho e Marília Costa Dias, em *Concepções docentes sobre alunos com deficiência intelectual*, apresentam uma pesquisa sobre as ideias e proposições de professores do Ensino Fundamental II acerca da prática pedagógica com alunos com



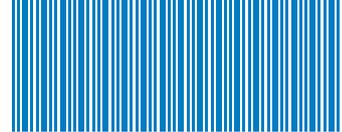
deficiência intelectual matriculados em salas regulares. Suas análises são desenvolvidas à luz das teorias do *conhecimento experiencial*, tal como propostas por Philippe Perrenoud e, como conclusão, as autoras afirmam que muitos saberes necessários para processos educacionais efetivamente inclusivos não estão fora do alcance dos educadores, mas dentro da própria escola, em especial daquelas que se propuseram a trabalhar privilegiando a diversidade.

O quarto artigo, *A emergência da Sociologia da Infância: rupturas conceituais no campo da Sociologia e os paradoxos da Infância na contemporaneidade*, de Sabrina da Costa Dias, de certa forma, também trata de exclusão: a histórica exclusão da infância, ao menos nas análises sociológicas. E procura mostrar como a emergência dos estudos sobre a infância na Sociologia convocou uma reorganização do campo ao evidenciar que conceitos sociológicos tradicionais não eram suficientes para tratar deste grupo geracional e de suas relações.

O olhar atento à diversidade no ambiente escolar, uma questão capital quando se fala em educação inclusiva, também está presente em outros dois artigos desta edição. Trabalhando a expressão teatral como um vetor de práticas verdadeiramente inclusivas dentro de um contexto de Educação de Jovens e Adultos em uma escola na zona norte de São Paulo, Alexandre Saul relata no artigo *Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma prática artístico-educativa na escola: uma inspiração freireana* como situações-limite vividas pela comunidade escolar encontraram na expressão teatral e na pedagogia de Paulo Freire ambientes educativos eficazes para estimular o espírito crítico e o fazer artístico.

O convívio harmônico entre a diversidade, só que de leitores e de seus repertórios, também é o tema do artigo *Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa*, de Andréa Schmitz-Boccia. A autora nos traz a rica experiência extra-escolar vivida por ela em um clube de leitura no qual, a cada mês, a diversidade de interpretações que uma única obra consegue suscitar em seus leitores reforça o caráter pessoal e intransferível da relação do leitor com a obra lida.

E como vivemos em um país no qual a escola precisa se adaptar às mais diferentes realidades regionais, encerramos a edição com duas reflexões oriundas da região Norte, mas válidas para outros contextos. Em *Sobre uma “Pedagogia da Morenidade”: gênero e mestiçagem entre estudantes de duas escolas de*



*Belém do Pará*, Alan Augusto Ribeiro problematiza os discursos sobre cor em duas escolas públicas de Guamá, na “Baixada” da capital paraense, revelando como eles remetem ao modo como são moldadas as ideologias raciais referendadas na mestiçagem como traço identitário nacional. Já a pesquisadora amazonense Nádia Tobias de Souza Seara compõe, com seu artigo *A cultura de brincar de boi-bumbá*, um painel amoroso da grande manifestação cultural do Boi de Parintins, cuja relevância na sociedade local é analisada à luz da fenomenologia de Bachelard. Segundo a autora, “a motivação do trabalho foi, ao mesmo tempo, a constatação do pouco cuidado que a população tem com a memória cultural – material e imaterial, e a manutenção orgulhosa da tradição que une elementos indígenas, caboclos e a presença sutil de uma educação de sensibilidade”.

Assim, de diferentes formas, sob diversas óticas, respaldados por variados autores e obras, os oito artigos selecionados para esta edição de *Veras* têm, em comum, reflexões úteis para todo e qualquer ambiente de aprendizagem, seja este a escola ou a associação do bairro, o teatro ou o boi-bumbá, a cidade ou a floresta.

Renata Lopes Costa Prado, Ricardo Prado (editores)  
e Magdalena Viggiani Jalbut (Coordenadora do Instituto Superior de Educação (ISEVEC))